

Leitura de Textos de Imprensa: Chamada, Reportagem e Artigo

Denise Maria de Paiva

BERTOLUCCI¹

Resumo: Esta comunicação apresenta uma experiência de leitura de textos de imprensa - chamada, reportagem e artigo - com graduandos do 3º ano do Curso de Letras, nas aulas da disciplina Prática de Ensino/Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, no ano de 2007. As atividades desenvolvidas com os formandos de Letras voltam-se para os alunos do ensino fundamental, e consideram as recomendações para o trabalho em sala de aula contidas nas obras *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa* (MEC/SEF, 1998); *O jornal na sala de aula* (FARIA, 1994) e *Para ler e fazer o jornal na sala de aula* (FARIA; ZANCHETTA JR., 2002). A experiência aponta caminhos para o professor em atividade na educação básica, no ensino da leitura dos referidos textos de imprensa, e envolve igualmente os professores em formação, pelos assuntos tratados no material selecionado para o trabalho.

Palavras-chave: leitura, imprensa, licenciatura.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (Assis) e professora das Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO, CEP: 19900-011, Ourinhos/SP, Brasil, e-mail: ricbert@uol.com.br

Introdução

Como professora de Prática de Ensino/Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa do curso de Letras das Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO, costumo abordar o conteúdo das aulas a partir de quatro eixos programáticos: leitura, escrita, oralidade e análise lingüística. Todos sabemos que, na verdade, essas práticas se interpenetram na produção de linguagem; contudo, nas sessões de orientação pré-serviço, ou seja, voltadas aos futuros professores, tento selecionar aspectos básicos envolvidos em cada uma delas para apresentar aos graduandos e conduzi-los na apreensão das tarefas do professor de língua portuguesa.

Na apresentação dos aspectos pertinentes à recepção do texto escrito para o ensino fundamental – a leitura – a seleção dos gêneros é o primeiro ponto a ser considerado e, talvez, uma das mais importantes fontes para essa escolha seja o documento *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental* (MEC/SEF, 1998). A importância a que me refiro confirma-se pela sintonia do documento com as teorias mais aceitas pelos profissionais do ensino de línguas, na contemporaneidade, no que diz respeito à concepção de linguagem, à noção de gêneros do discurso, à própria psicologia do desenvolvimento dos indivíduos.

O apontamento da base teórica dos PCNs e sua repercussão no aprendizado de língua materna já foi objeto de muitos pesquisadores da área, como é o caso dos trabalhos coordenados por Roxane Rojo – cujos resultados são apresentados, por exemplo, na obra *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs* (2005) – e dos estudos de Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi, organizadora do volume *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos* (2002), autora que honrosamente nos acompanha nesta mesa.

É do conhecimento dos que se dedicam ao tratamento dos temas relacionados à didática da língua portuguesa em nível de ensino Fundamental, portanto, a orientação primordialmente bakhtiniana, ou enunciativa, ou ainda discursiva, do conceito de gênero presente nos PCNs, entendida tal orientação não apenas como a que busca em Mikhail Bakhtin sua sustentação, mas a que também abrange as leituras que outros

fizeram do teórico russo. Assim, o documento traz os “Gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos”, indicando, sob a rubrica [gêneros] **de imprensa**, dois dos escolhidos para o trabalho com meus alunos de Letras: o artigo e a reportagem (MEC/SEF, 1998, p. 54). A chamada, o outro gênero considerado, integrou o trabalho pelo vínculo que necessariamente mantém com os textos da reportagem apresentada no veículo escolhido: o jornal *Folha de S. Paulo* do ano de 2007.

Talvez seja conveniente destacar que, na *Proposta curricular para o ensino de Língua Portuguesa*, documento que subsidiou o trabalho dos professores da rede pública do estado de São Paulo antes do advento dos PCNs – e onde já se percebe a consideração da linguagem como “atividade humana, histórica e social” (SE/CENP, 1992, p. 16) e onde também já se discute a “dimensão discursiva” da linguagem – os mesmos gêneros aparecem sob a rubrica **jornalísticos**. Quanto ao que se entende por gêneros do discurso, com o relato da experiência a seguir espero poder esclarecer em parte.

1. Leitura de textos de imprensa: chamada e reportagem

A opção pela reportagem impôs-se nas aulas de Prática de Ensino/Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa pela oportunidade do assunto divulgado no dia 07 de janeiro de 2007, um domingo. A manchete anuncia “Desinteresse afasta mais estudante que pressão de trabalhar” e o texto abaixo, colocado depois de um subtítulo, adianta ao leitor o que encontrará, com detalhes, na continuação do jornal. Para que fique mais claro o significado de **chamada**, acompanhemos a definição que Maria Alice Faria e Juvenal Zanchetta Junior dão ao termo:

Nos jornais escritos, chamada é o breve texto, somado a outros procedimentos de informação, como fotos e gráficos, colocados na primeira página dos cadernos (de economia, de cultura etc.), antecipando elementos da notícia contida no interior do jornal. Os elementos podem variar, porém, um fator é necessário em toda chamada: a indicação da página, no interior do jornal, onde se encontra a referida matéria. (2002, p. 44)

Desnecessário justificar a pertinência do tema – as razões para o abandono da escola pelos jovens – nas aulas de um curso de formação de professores de língua portuguesa. O assunto proporciona a possibilidade de se efetuar uma importante discussão e, simultaneamente, o ensinamento de um modo de abordar os gêneros citados. Faz-se útil lembrar, neste momento, que imprimi as páginas da chamada, e dos três textos que desenvolvem o assunto e compõem a reportagem, valendo-me da versão eletrônica do jornal *Folha de S. Paulo*. Para que, igualmente, não haja dúvidas quanto ao que caracteriza a **reportagem**, conheçamos com os autores já apontados alguns dos atributos do gênero:

Enquanto a notícia tem a pretensão de informar pontualmente sobre um fato, a reportagem busca observar também as raízes e desdobramentos desse fato. Necessita, portanto, de mais tempo para investigação. (...) A reportagem com maior fôlego tem espaço em jornais diários, mas em menor volume. São mais freqüentes em cadernos especiais e nas edições de fim de semana, quando são comuns os textos que tratam de problemas amplos, crônicos ou complexos do cotidiano... (2002, p. 48)

Exatamente pela especificidade do suporte, ou seja, um artefato gráfico retirado de uma fonte informatizada – onde originalmente a reportagem foi publicada – julguei apropriado propor um trabalho em três níveis de leitura. Num primeiro momento, a visualização propiciou um exercício de reconhecimento e de denominação dos elementos das páginas, em que se identificaram tanto as informações lineares e verbais como as não-lineares e não-verbais; na segunda etapa, os esforços concentraram-se na leitura vertical do texto para a percepção de sua organização e, num terceiro momento, chegamos ao desvelamento das possíveis intenções de redatores e repórteres, apoiadas pelos trechos apresentados das idéias dos estudantes e especialistas no assunto “educação” que foram consultados.

Para que se reconhecessem, se denominassem os elementos presentes na página da chamada e na dos outros textos da reportagem, e se fizesse, enfim, uma leitura plena de todo o material, iniciou-se um intenso diálogo entre mim e os graduandos. Desde a visualização até a exteriorização das conclusões, os chamados conhecimentos prévios foram amplamente mobilizados. Ativaram-se nossos conhecimentos de mundo, nossas

experiências de vida acumuladas, as quais são atualizadas para a atribuição de sentidos aos textos e para a confrontação deles com outros já lidos ao longo de nossas vidas.

Os conhecimentos intuitivos somaram-se aos novos conhecimentos construídos na ocasião da recepção e esses, por sua vez, fundamentaram-se em estudos abalizados. Além dos já apontados, recorreremos ainda às funções da linguagem de Jakobson, reinterpretadas por Edward Lopes (1976) e Marc Paillet (1986) e expostas por Maria Alice Faria (1994).

1.1. Etapas de recepção da chamada

Vejamos os dados do primeiro texto trabalhado, a chamada, e os da página onde se encontra. Na primeira etapa do trabalho, pois, identificaram-se os seguintes elementos:

Slogan (a frase marcante que apregoa a qualidade do jornal): Um jornal a serviço do Brasil;

Web site (a área da Internet que abriga documentos do jornal *Folha de S.Paulo* em formato de hipermídia): WWW.FOLHA.COM.BR

nome do jornal (logotipo): *Folha de S. Paulo*;

ícones para navegação (para a visualização da reprodução da capa do dia na versão impressa e para a pesquisa das edições anteriores);

data: domingo, 7 de janeiro de 2007;

nome do diretor de redação: Otavio Frias Filho;

ano (ou volume): 86;

número: 28.407;

edição (faz referência à versão do jornal que circula no estado de São Paulo, já que existe a versão nacional);

manchete (título da reportagem principal): **Desinteresse afasta mais estudante que pressão de trabalhar;**

chamada propriamente dita: o texto que resume a reportagem apresentada no interior do jornal.

Nesta etapa, há que se fazer referência, portanto, às diferentes versões do jornal *Folha de S. Paulo* atualmente existentes. Além da versão impressa da banca, existe a do *web site* do jornal – a escolhida para o trabalho – e a versão *on line*, onde as notícias são continuamente atualizadas.

No segundo momento das atividades relacionadas à chamada, a leitura deteve-se na estrutura particular do texto. Como se trata de um material breve e que prepara o leitor para o acompanhamento do assunto detalhadamente tratado em outras páginas, tornou-se proveitosa a adoção do estudo do lide, como se vê abaixo.

O que se informa?

O abandono da escola.

Quem abandona a escola?

Estudantes de 15 a 17 anos.

Quando fizeram isso?

Em 2005.

Por quê?

Por desinteresse, pela falta de atratividade da escola, e pela falta de vontade de estudar.

Como se obtiveram tais explicações?

Com a pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Por fim, na terceira etapa dos trabalhos, atingimos as conclusões e chegamos a alguns dados interessantes. Os estudantes abandonam a escola mais pelo desinteresse do que pela necessidade de trabalhar. A manchete destaca a surpresa que se instaura

com a apresentação do motivo principal da evasão escolar. Ao contrário do que se imaginava, não é a necessidade de trabalhar que prioritariamente retira os estudantes da sala de aula, mas o desinteresse pelo que é ensinado. Na chamada, a função referencial (quando o interesse recai no universo ao qual se refere a mensagem) é mais presente sem dúvida, mas não há como não perceber o tom de espanto manifesto na manchete, o que, seguramente, desnuda as motivações do redator e mostra a interferência de fatores pessoais. Esses fatores ficaram ainda mais evidentes nos três textos seguintes.

1.2. Etapas de recepção da reportagem

Vejamos as descobertas feitas na primeira etapa de leitura dos próximos textos. Além dos elementos já conhecidos quando do trabalho com a chamada, identificamos

o título do caderno do jornal *Folha de S. Paulo* (o caderno compõe-se das partes separadas de um exemplar do jornal; reúne assuntos correlatos, apresenta seções ou colunas fixas e demais matérias ligadas ao seu tema geral): Cotidiano;

chamadas de página para clicar e navegar, já que o suporte original é informatizado;

primeiro título da reportagem: **Escola não motiva e perde alunos;**

segundo título: **“Escola é chata porque não faz sentido”;**

terceiro título: **Problema é mais intenso para adolescentes que engravidam;**

subtítulos;

nomes dos responsáveis pela reportagem: Antônio Gois e Luciana Constantino;

indicação das sucursais (a sucursal é a representação de um jornal em outras cidades): Rio de Janeiro e Brasília;

indicação da empresa que detém todos os direitos de reprodução do jornal *Folha de S. Paulo* (Copyright): Empresa Folha da Manhã S/A.

O próximo nível de leitura, como já se sabe, pretendeu a identificação da construção composicional dos textos. Nesse aspecto, destacaram-se os recursos para sensibilizar, emocionar o leitor, mais do que informá-lo, e chamou a atenção a ausência da fala do professor da educação básica na reportagem. O fato de uma figura decisiva da problemática ter sido ignorada nas entrevistas seria um indício de condenação? Acreditamos que sim, e os elementos que apresentamos na sequência encorpam e amparam lingüisticamente essa hipótese. Os grifos são meus e serão recuperados oportunamente.

O primeiro texto, **Escola não motiva e perde alunos**, constrói-se basicamente

com as explicações dos estudantes para o abandono da escola em discurso direto: “ ‘Deu *preguiça* de andar até a escola’. Essa é a primeira razão citada por Aline (nome fictício) para explicar por que parou de estudar aos 15 anos” ;

opiniões de especialistas, ou seja, de educadores que não estão nas salas de aula do universo pesquisado, também em discurso direto: “ ‘Quem foi que disse que a cabeça da criança funciona como aparelho de TV em que *você* pode tocar uma campainha e mudar de português para matemática?’” ;

apresentação do ponto de vista, em discurso indireto, das pessoas entrevistadas: “... Rubem Alves, educador e colunista da Folha, diz que o próprio sistema em que as escolas funcionam é pouco atrativo. Usa como exemplo o fato de as disciplinas serem ministradas separadamente.”;

e exposição das conclusões do estudo do INEP:

“... mais do que a falta de vagas, de transporte ou mesmo a necessidade de trabalhar, é a falta de vontade de estudar que os *empurra* para fora do sistema de ensino.”

Percebemos que o segundo texto, **“Escola é chata porque não faz sentido”**, organiza-se em grande parte com as opiniões, em discurso direto ou não, de educadores e psicólogos ouvidos pelos repórteres da *Folha*:

Rubem Alves (educador): “ ‘Eles [os jovens da periferia] acabam não tendo *prazer* em aprender’ ”;

Benigna Villas Boas (professora de pós-graduação em educação da UnB): “ ‘Por que a escola tem de funcionar como funciona há décadas? Por que não dar ao aluno a oportunidade de progredir conforme seu aprendizado? *A escola pode mudar e não existe lei que impeça isso*. Resta saber se os professores estão preparados’ ”;

Maria Antônia Goulart (coordenadora do programa Bairro Escola – RJ): “...o agravante é que, muitas vezes, os professores colocam a *culpa* pelo *fracasso* no aluno ou na *família*.”

No terceiro texto, **Problema é mais intenso para adolescentes que engravidam**, observamos significativa presença do relato na composição do texto. A narrativa tem alto potencial de prender, cativar o leitor. Assim, identificaram-se pequenas histórias contadas para, por exemplo,

explicar as circunstâncias da criação do programa Ana e Maria (relato feito pelos redatores do texto): “Ao criar tele-salas e cursos de capacitação para jovens de áreas pobres no Rio, a ONG Viva Rio logo se deu conta de que era preciso ter um programa específico para jovens mães que as ajudassem a conciliar estudo e as funções maternas. Nesse sentido, foi criado o programa Ana e Maria, que oferece atendimento psicológico e de enfermagem para as jovens mães.”;

mostrar a intolerância da escola com relação às mães adolescentes (relato feito pela psicóloga Priscila Aleksandrowicz): “ ‘Algumas reclamavam que eram barradas na portaria porque o uniforme curto deixava a barriga à mostra. Nas conversas que tive com várias delas, percebi também que havia apoio dos colegas, mas nem sempre dos professores e funcionários.’ ”;

apontar o drama da adolescente grávida, “expulsa” da escola: “ ‘O problema era meu padrasto, que me batia em casa. Comecei a faltar muito, e a direção chamou só meus pais para conversar, que disseram uma coisa diferente do que eu sentia.’ ”

No último nível de leitura dos textos, buscamos refletir sobre as intenções subjacentes no ostensivo emprego dos procedimentos formais que apelam para as emoções. As pequenas narrativas de que tratamos logo acima, as palavras e os trechos destacados anteriormente valem menos pelo conteúdo intelectual que veiculam e mais pela carga emocional que encerram (LOPES, 1976 *apud* FARIA, 1994). Isso nos confrontou com a presença da função expressiva ou emotiva da linguagem nos textos da reportagem. A esse respeito, é oportuno conhecermos com Maria Alice Faria as idéias de Marc Paillet:

No caso dos textos jornalísticos (...), a função expressiva pode estar manifestada claramente, quando o redator toma posição quanto ao fato, quando dá sua opinião a respeito ou ‘mesmo como posição assumida’. Mas ela pode estar dissimuladamente embutida numa aparente objetividade, de forma voluntária ou não. E neste caso ela se mescla tanto à função referencial como à conativa... (PAILLET, 1986 *apud* FARIA, 1994, p. 63)

Recuperando as passagens do primeiro texto, **Escola não motiva e perde alunos**, temos:

Estudante: “Deu *preguiça*...”;

especialista: “Quem foi que disse que a cabeça da criança funciona como aparelho de TV em que *você* pode tocar uma campainha e mudar de português para matemática?”

redatores: “... mais do que a falta de vagas, de transporte ou mesmo a necessidade de trabalhar, é a falta de vontade de estudar que os *empurra* para fora do sistema de ensino.”

Tendo o ensinamento dos estudiosos referidos acima em mente, pudemos perceber a provável intenção dos redatores da reportagem de conduzir o leitor a receber emocionalmente o texto e a aceitar o ponto de vista que assumem, quando, por exemplo, destacam o trecho da fala da jovem em que aparece a palavra *preguiça*. Trata-se de um substantivo que designa a aversão ao trabalho e também a negligência, a morosidade. É

uma palavra de impacto quando associada aos estudos, porque nega justamente o que se espera primordialmente de um ambiente escolar. Porém o impacto que causa no leitor, graças à posição assumida pelos redatores, leva-o a sensibilizar-se com o desabafo da estudante, e a ter empatia por ela, e a atribuir a responsabilidade por seus dissabores aos professores.

Mais exemplos disso temos quando lemos a opinião do especialista. O discurso dele volta-se para o receptor e o envolve, já que, feito com base na indagação, tem muitas chances de animá-lo a responder e a virtualmente participar da discussão do problema. No trecho seguinte, é clara a força conotativa, hiperbólica do verbo *empurrar*, que comove o leitor pelo exagero acrescido à idéia do abandono da escola. Com isso, mais uma vez se obtém o efeito da empatia em relação aos estudantes.

Retomemos as passagens do segundo texto, **“Escola é chata porque não faz sentido”**, para prosseguirmos com a demonstração da grande presença da função expressiva na reportagem e entendermos o papel dela na defesa do ponto de vista dos redatores:

Rubem Alves (educador): “ ‘Eles [os jovens da periferia] acabam não tendo *prazer* em aprender’ ”;

Benigna Villas Boas (professora de pós-graduação em educação da UnB): “ ‘Por que a escola tem de funcionar como funciona há décadas? Por que não dar ao aluno a oportunidade de progredir conforme seu aprendizado? *A escola pode mudar e não existe lei que impeça isso*. Resta saber se os professores estão preparados’ ”;

Maria Antônia Goulart (coordenadora do programa Bairro Escola – RJ): “...o agravante é que, muitas vezes, os professores colocam a *culpa* pelo *fracasso* no aluno ou na *família*.”

Ao selecionar, na fala do educador, o substantivo *prazer*, os responsáveis pela redação do texto usam uma palavra-choque, como diz Maria Alice Faria (1994), associada às sensações de satisfação e alegria que enleia o leitor e o predispõe a anuir com a orientação do texto.

Na fala da educadora, ocorre a já comentada sensibilização do leitor proporcionada pelas indagações, o que poderia granjear a adesão virtual do destinatário à discussão em pauta. A frase destacada impressiona o receptor pelo alto grau de otimismo nela existente e a última, por conter a dúvida relacionada ao preparo dos professores para a mudança, parece quebrar o otimismo da passagem anterior. Por isso, presta-se para robustecer a condenação ao professor da educação básica, ponto de vista que acreditamos seja o defendido pelos redatores dos textos considerados. A dúvida da professora Benigna Villas Boas, diga-se, não é esclarecida pela reportagem, pois, como já se apontou, os professores não foram consultados.

Por fim, os redatores expõem uma construção fortíssima – “...o agravante é que, muitas vezes, os professores colocam a *culpa* pelo *fracasso* no aluno ou na *família*.” – amparada na opinião de Maria Antônia Goulart (coordenadora do programa Bairro Escola – RJ). O trecho é impressionante por vários motivos: aproxima palavras de grande apelo emocional, é totalmente inapropriado e, principalmente, está relacionado com a fala do professor, que não foi ouvido na reportagem, repita-se. É inapropriado, porque na situação do ensino público hoje não existem “culpados”. Tanto professores como alunos e pais são vítimas de um sistema educacional perverso, no qual decisões incorretas, apressadas e inadequadas foram se acumulando (ZAGURY, 2006).

Neste último nível de leitura, portanto, dos textos da reportagem, chegamos ao desvelamento das prováveis intenções de redatores e repórteres. Amparados nos trechos apresentados das entrevistas feitas com estudantes e especialistas, em que se realizaram as construções lingüísticas com apelo às emoções e aos sentimentos, os jornalistas tiveram mais chances de sensibilizar o leitor e levá-lo a aceitar o ponto de vista que defenderam ao longo da reportagem: os professores levam os estudantes a desistir da escola.

2. Leitura de textos de imprensa: artigo

Justamente para que meus alunos de Prática de Ensino/Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa reconhecessem uma outra visão do professor, não sentenciosa como a da reportagem, propus um trabalho com o gênero **artigo**. O título escolhido foi

“Pro Dia Nascer Feliz” nos defronta com nosso futuro, de autoria do cineasta Fernando Meireles, e foi publicado no caderno Ilustrada do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 04 de fevereiro de 2007. Do mesmo modo, foram considerados os três níveis de leitura indicados na recepção do gênero reportagem e foi utilizada a versão do *web site* do jornal. Como o tempo desta apresentação é insuficiente para o detalhamento daquele trabalho, comprometo-me a relatá-lo numa outra oportunidade.

Considerações finais

O percurso analítico percorrido com meus alunos demonstrou o quanto podem ser parciais e subjetivos certos textos de reportagem, por apresentarem, como apontam Maria Alice Faria e Juvenal Zanchetta Junior, “indícios claros de personalização” (2002, p. 49), negando a isenção que o leitor espera do enunciado e a qual a própria empresa jornalística costuma propalar como marca de qualidade. Por isso é importante a leitura acurada dos textos, pois, como já indicamos nesta comunicação, a personalização pode vir “dissimuladamente embutida numa aparente objetividade, de forma voluntária ou não” (PAILLET, 1986 *apud* FARIA, 1994, p. 63).

A consulta irrestrita e independente aos envolvidos na problemática da educação básica pública poderia, de fato, levar à imparcialidade. O último nível de leitura comprovou, todavia, uma clara tendência a desqualificar a figura do professor, inclusive na seleção das falas dos especialistas e dos estudantes. A dependência da reportagem a um julgamento prévio do professor da educação básica impôs uma inclinação de leitura. A experiência de abordagem do gênero que aqui apresentamos, tida com futuros professores de língua portuguesa, entretanto, pretendeu desmascarar essa inclinação e mostrar a importância de atividades que formam não apenas leitores, mas cidadãos conscientes para avaliarem livremente as questões urgentes de seu tempo.

Referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARIA, M. A. **O jornal na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR., J. O jornal na sala de aula. **Proleitura**, Assis, n. 5, 1995.

_____. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

GOIS, A.; CONSTANTINO, L. Desinteresse afasta mais estudante que pressão de trabalhar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 janeiro 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp07012007.htm>. Acesso em 20 julho 2008.

_____. Escola não motiva e perde alunos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 janeiro 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0701200701.htm>. Acesso em 20 julho 2008.

_____. “Escola é chata porque não faz sentido”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 janeiro 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0701200706.htm>. Acesso em 20 julho 2008.

GOIS, A. Problema é mais intenso para adolescentes que engravidam. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 janeiro 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0701200707.htm>. Acesso em 20 julho 2008.

- LOPES-ROSSI, M. A. G. (org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002.
- MEIRELES, F. “Pro dia nascer feliz” nos defronta com nosso futuro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 fevereiro 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0402200714.htm>. Acesso em 20 julho 2008.
- ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. 3. reimpressão São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa: 1º grau**. 4. ed. São Paulo: SE/CENP, 1992.
- ZAGURY, T. **O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006.